

DOI: [10.46943/IXCONEDU.2023.GT07.023](https://doi.org/10.46943/IXCONEDU.2023.GT07.023)

# A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO ESTRATÉGIA DE FORMAÇÃO DE EDUCADORES SEXUAIS

**MILENA MICHILES ROSA**

Graduada pelo Centro Universitário Celso Lisboa, [milena.michiles@gmail.com](mailto:milena.michiles@gmail.com);

**VINICIUS DA SILVA FONSECA**

Discente do Centro Universitário Celso Lisboa, [dasilvafonsecavinicius@gmail.com](mailto:dasilvafonsecavinicius@gmail.com);

**SUELLEN DE OLIVEIRA**

Docente do Centro Universitário Celso Lisboa, [deoliveira.suellen@gmail.com](mailto:deoliveira.suellen@gmail.com).

## RESUMO

Professores e profissionais da saúde atuam como educadores sexuais no dia a dia. Portanto, precisam ter conhecimento dos conteúdos relacionados à sexualidade e saber como ensiná-los. No entanto, tabus e preconceitos dificultam a construção desses saberes. Analisamos as percepções sobre a educação sexual vivenciada ao longo da vida dos licenciandos de um centro universitário localizado no Rio de Janeiro. Os resultados da pesquisa mostraram que eles a consideraram insatisfatória. Aproveitando a oportunidade concedida pela obrigatoriedade da extensão universitária, avaliamos as potencialidades dessa estratégia na formação dos profissionais de saúde e educação. O oferecimento de atividades online assíncronas e presenciais, bem como o uso de diários de bordo, mostraram-se eficazes para favorecer a construção desses conhecimentos. Por fim, a extensão universitária contribuiu para o desenvolvimento da autoestima, motivou os participantes e proporcionou a sensação de que é possível atuar como educador sexual, apesar dos desafios relacionados ao tema.

**Palavras-chave:** Educação sexual; sexualidade; formação de professores; extensão universitária.

## INTRODUÇÃO

A sexualidade é formada por diversas dimensões, tornando impossível estabelecer uma definição única capaz de comportar tudo aquilo que ela é. Deste modo, adotamos uma matriz conceitual que reflete sobre as várias possibilidades de vivenciá-la, tais como: orientação sexual, identidade de gênero, direitos reprodutivos e sexuais e relacionamentos, entre outros aspectos que compõem o sujeito (UNESCO, 2019).

Figueiró (2010) defende a ideia de uma educação sexual emancipatória, já que essa abordagem visa empoderar os indivíduos para que possam tomar decisões conscientes e responsáveis, além de desafiá-los a lutar para a transformação da sociedade. Essa perspectiva teórica vai ao encontro da ideia da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (9.394/1997) sobre a necessidade da escola formar o sujeito integralmente, complementando a ação da família e da comunidade (BRASIL, 1997b). Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a “Orientação Sexual” é considerada um tema transversal por ser relevante e não limitar-se a uma área do conhecimento. Além disso, os PCN incluíram a necessidade de debates e da problematização do tema em sala de aula, uma vez que está presente no dia a dia do estudante (BRASIL, 1997). Há inúmeras iniciativas de órgãos públicos que estabelecem políticas sobre temas relacionados à sexualidade, como ações de prevenção às infecções sexualmente transmissíveis nas escolas (IST) por meio do Programa Saúde nas Escolas (BRASIL, 2022). Apesar disso, a educação sexual ainda não é tema regular no currículo dos cursos de licenciatura, o que pode resultar em insegurança e conseqüentemente na negligência do tema, como verificado por Oliveira D. e Oliveira S. (2022) em sua pesquisa sobre a percepção dos educadores sobre o ensino de infecções sexualmente transmissíveis no contexto escolar.

Shulman (1987), categorizou as bases de conhecimento indispensáveis para todo educador: conhecimento do conteúdo, os saberes ligados à área na qual o educador atua; conhecimento pedagógico, isto é, práticas basilares da área educacional; e o conhecimento pedagógico do conteúdo, que se refere ao conhecimento das práticas pedagógicas relacionadas ao ensino de um determinado conteúdo. Nesse contexto, o projeto de iniciação científica intitulado “A Educação Sexual no processo de formação dos futuros professores”, identificou as percepções dos estudantes dos cursos de licenciatura, de um centro universitário localizado no Rio de Janeiro, acerca da educação sexual vivenciada ao longo da vida. Posteriormente,

avaliamos as contribuições de um projeto de extensão na formação dos futuros educadores sexuais que atuarão na área da educação e da saúde.

## **METODOLOGIA**

---

No ano de 2022 foi realizada a identificação das percepções dos estudantes de licenciatura de uma instituição de ensino superior localizada na cidade do Rio de Janeiro. Já em 2023, o projeto “A extensão universitária como estratégia de formação de educadores sexuais” avaliou as potencialidades e limitações da extensão universitária na formação dos futuros educadores sexuais, que atuarão nas áreas de educação e saúde.

### **IDENTIFICAÇÃO DAS PERCEPÇÕES DOS ESTUDANTES DE CURSOS DE LICENCIATURAS ACERCA DA EDUCAÇÃO SEXUAL VIVENCIADA**

A primeira etapa do projeto consistiu na identificação das percepções dos futuros professores acerca da educação sexual vivenciada. Para isso, os graduandos foram convidados a responder a um questionário contendo perguntas sobre como ocorreu a construção de seus conhecimentos acerca dos diferentes aspectos da sexualidade ao longo da vida.

A equipe de pesquisadores enviou o link de acesso ao questionário, disponível no Google Formulário, aos professores do primeiro e último período dos cursos de licenciatura; porém, apenas os cursos de educação física, pedagogia e biologia tinham turmas nesses períodos. O questionário ficou disponível para preenchimento entre abril e maio de 2022. Os dados coletados foram analisados por meio do método de análise de conteúdo (BARDIN, 2016).

### **CONSTRUÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO GRUPO DE EXTENSÃO VOLUNTÁRIA EM EDUCAÇÃO SEXUAL**

A extensão universitária é um processo educativo, cultural e científico, que proporciona o desenvolvimento acadêmico, a democratização de conhecimentos científicos, o diálogo com a sociedade, bem como a sua transformação (PROEX, 2012). Ela constitui um dos pilares do Ensino Superior, e por isso pode ser

financiada pelo Poder Público (BRASIL, 1988) e se tornou obrigatória em 2018, por meio da Resolução nº 7 da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação (BRASIL, 2018). Sendo assim, avaliamos as potencialidades e limitações da extensão universitária, com mentoria, na formação de educadores sexuais.

## **RECRUTAMENTO E FORMAÇÃO INICIAL DOS EXTENSIONISTAS**

Os estudantes foram convidados a participar da extensão universitária durante as aulas da coordenadora do projeto. Aqueles que se voluntariaram iniciaram o seu percurso preenchendo um questionário contendo disponibilizado por meio do *Formulários Google*. A análise das respostas permitiu a identificação de suas percepções sobre sua educação sexual ao longo da vida. Após isso, foram convocados a comparecer a uma reunião presencial para elucidar possíveis dúvidas sobre o projeto.

O processo de formação desses extensionistas aconteceu de forma híbrida. As atividades online assíncronas, com duração de até 30 horas, foram ofertadas por meio do *Google Classroom*, também conhecido como *Google sala de aula* (Quadro 1). A realização das tarefas puderam ser comprovadas por meio da análise dos diários de bordo individuais, preenchidos após o término de cada atividade e enviados por meio do *Google Classroom*. O diário de bordo é importante para a formação dos educadores por incitar a reflexão e uma autoanálise sobre as suas vivências (BATISTA, 2019).

**Quadro 1: Atividades propostas no Google Classroom para os extensionistas**

ATIVIDADES	OBJETIVOS
<b>Apresentação</b> <i>(Atividade obrigatória)</i>	Promover o entrosamento entre os participantes e iniciar a reflexão sobre a educação sexual vivenciada.
<b>Artigo científico</b> REEDUCAÇÃO SEXUAL: percurso indispensável na formação do/a educador/a <i>(Atividade obrigatória)</i>	Promover a reflexão sobre a própria história, os valores e atitudes.
<b>Exposições virtuais</b> Sífilis: Ciência e Arte! Memórias de uma epidemia	Compreender como os museus podem contribuir para combater os estigmas sociais.
<b>Curso</b> Sexualidad...mucho más que sexo <i>(Atividade obrigatória)</i>	Compreender os principais conceitos relacionados à sexualidade.
<b>Manuais</b> Preconceito e discriminação no contexto escolar: Guia com sugestões de atividades preventivas para a HTPC e sala de aula  Projetos - Comunidade presente e prevenção também se ensina: sugestões de atividades preventivas para HTPC e sala de aula	Analisar diversas atividades desenvolvidas para promover a educação sexual.  Escolher uma das atividades analisadas e identificar suas limitações, potencialidades e o contexto no qual pode ser realizada.
<b>Artigo científico</b> Teatro e Saúde: Peça itinerante engaja jovens na prevenção da Aids  <b>Vídeo</b> Peça Sangue Ruim - Museu da Vida / Fiocruz	Compreender como o teatro científico pode ser utilizado para promover a educação sexual.
<b>Podcast</b> AIDS: epidemia do preconceito.	Avaliar a divulgação científica realizada no início da epidemia da AIDS e compreender como a divulgação científica mal realizada pode contribuir para a construção de preconceitos e estigmas.  Compreender a diferença entre os termos: grupo de risco, comportamento de risco e populações-chave.
<b>Documentários</b> The Mask You Live In O silêncio dos homens	Compreender como os papéis de gênero relacionados à vivência da masculinidade afeta a saúde das pessoas e como podemos contribuir para a transformação desses papéis em nossa prática profissional.

Fonte: Os autores.

Também foram realizadas atividades presenciais (Quadro 2) no *campus* do centro universitário e em um museu de ciências que conta com uma área de

Educação Sexual Integral coordenada pela responsável por esta iniciativa. Ao longo do projeto, as atividades foram oferecidas inúmeras vezes, oportunizando a sua realização por todos os interessados. Alguns deles realizaram o treinamento em mais de uma oportunidade.

**Quadro 2: Atividades presenciais propostas aos extensionistas**

ATIVIDADES	OBJETIVOS
Dinâmica: Dançando no Escuro	Esta dinâmica visa promover a percepção de risco acerca da transmissão de infecções sexualmente transmissíveis.
Oficina: Barriga da Empatia	Essa oficina favorece uma experiência imersiva na qual o participante utiliza um simulador de gravidez sendo exposto a uma série de situações que uma gestante vive. O seu objetivo é promover a empatia com as gestantes.
Roda de conversa sobre os conceitos relacionados à sexualidade	De maneira descontraída e fora de sala de aula foi realizada uma roda de conversa para esclarecer as dúvidas sobre os principais conceitos relacionados à sexualidade.
<p><i>Workshop</i></p> <p>Oficina: Sexualidade é...</p> <p>Oficina: Formulário da vida</p> <p>Oficina: Hora do Desafio</p> <p>Oficina: Catarse</p>	<p>A "Oficina: Sexualidade é..." tem como objetivo ressaltar a complexidade do conceito e discutir sobre os principais aspectos relativos à sexualidade.</p> <p>Em "Formulários da Vida" os participantes são desafiados a preencher um formulário, classificando a si de acordo com o seu sexo, gênero e orientação sexual.</p> <p>A oficina "Hora do desafio" permite a elucidação das dúvidas sobre os principais conceitos relacionados à sexualidade.</p> <p>Em Catarse é possível expressar suas percepções sobre a vivência dos papéis de gênero impostos pela sociedade, ouvir como as demais pessoas se sentem em relação a isso.</p>
Palestras sobre educação sexual em outras instituições de ensino superior	Os extensionistas foram convidados a acompanhar as equipes de pesquisadores nas palestras oferecidas em outras instituições de ensino.
Atendimentos escolares no museu de ciências Espaço Ciência Viva	Os extensionistas foram convidados a observarem as mediações das oficinas realizadas com os grupos escolares em um museu de ciências.
Participação em eventos realizados pelo museu de ciências Espaço Ciência Viva	Durante os eventos abertos ao público, os extensionistas puderam observar a mediação das oficinas realizadas pela equipe de pesquisadores.

Fonte: Os autores.

Os extensionistas também foram convidados a atuar como mediadores no museu Espaço Ciência Viva em atividades propostas pela equipe de pesquisadores, tais como: oficina Barriga da Empatia; jogo de tabuleiro “Colonizando” que visa sensibilizar o público para o risco de transmissão das infecções sexualmente transmissíveis (IST); jogo de cartas “Direitos Sexuais e Reprodutivos”; dinâmica sobre os vírus causadores de IST; e a exposição “Direitos sexuais e reprodutivos”. Outras oficinas iriam ser realizadas em uma escola estadual, no entanto, devido à greve, não puderam ocorrer. Todas as atividades presenciais também foram registradas nos diários de bordo.

## **RESULTADOS**

---

### **PERCEPÇÕES APRESENTADAS PELOS ESTUDANTES DE CURSOS DE LICENCIATURAS ACERCA DA EDUCAÇÃO SEXUAL VIVENCIADA**

Foram obtidas 62 respostas no questionário advindas de estudantes do primeiro e último períodos dos cursos de licenciatura. A maioria (n=56) concordou em participar da pesquisa. Metade dessas pessoas (n=28) era do curso de Educação Física, uma delas do primeiro período. Estudantes de Pedagogia (n=15, sendo 13 do primeiro período) e Biologia (n=13, sendo dez do último período) também contribuíram com a pesquisa.

Quase todos classificaram o seu gênero como feminino cis (n=31) ou masculino cis (n=20) e somente 9% (n=5) não o revelaram. Vale ressaltar que dois participantes escolherem a opção “outro” e em seguida escreveram feminino e masculino, possivelmente por não compreender a diferença entre os termos cis e trans<sup>1</sup>. Outras três pessoas disseram ser heterossexuais. Tais equívocos demonstram o desconhecimento acerca da distinção dos conceitos basilares da sexualidade: sexo de nascimento, gênero e orientação sexual. É importante lembrar que o gênero é

---

1 “Cisgênero” ou “cis” é um termo usado para se referir a pessoas que se identificam com o gênero frequentemente atribuído ao seu sexo de nascimento. Exemplo: A pessoa do sexo feminino que se identifica com o gênero feminino é denominada mulher cis.

“Transgênero” ou “trans” é um termo usado para se referir a pessoas que não se identificam com o gênero frequentemente atribuído ao seu sexo de nascimento. Exemplo: A pessoa do sexo feminino que se identifica com o gênero masculino é denominada homem trans.

uma construção social, portanto varia de acordo com o contexto cultural. Cada cultura determina o conjunto de valores e comportamentos esperados para as pessoas, de acordo com o sexo de nascimento, em determinado momento histórico (CONNELL; PEARSE, 2015). Já a orientação sexual se refere à atração romântica e/ou sexual por pessoas de determinado gênero (JESUS, 2012).

Ao serem questionados se os assuntos relacionados à sexualidade devem ser abordados na escola, 46 pessoas responderam sim (sendo 30 do último período) e quatro responderam não, sendo todas do último período. Outras responderam de maneira menos assertiva (n=6, sendo cinco do último período) e justificaram dizendo que depende da idade (n=2), da maneira como o tema será abordado (n=3), além de ressaltar que o tema precisa ser abordado com respeito (n=1). Os motivos apresentados para não abordá-los foram: o tema é muito pessoal (n=1), é papel da família, (n=1), há coisas mais importantes (n=1), pode influenciar em “algo que deve ser natural” (n=1). Todas as pessoas que acreditam que a educação sexual não deve ocorrer na escola (n=3) mencionaram não ter recebido nenhum tipo de educação sexual na escola ou graduação, exceto por uma delas que mencionou ter tido “uma breve passagem, nada aprofundado” durante o ensino médio, apesar da abordagem do tema está prevista nos PCN (BRASIL, 1997).

Curiosamente, as pessoas que responderam não ser a favor são do curso de Educação Física. É crucial que os futuros professores e os profissionais da área compreendam a importância da educação sexual, especialmente porque os PCN indicam que um dos propósitos dessa disciplina escolar é encorajar práticas de autocuidado e estabelecer relações interpessoais (BRASIL, 1997). Diversos estereótipos são frequentemente atribuídos ao gênero feminino e masculino, e isso às vezes influencia as decisões tomadas por essas pessoas. É preciso cuidado para não reforçá-los durante as aulas. Uma das estratégias que pode ser utilizada para romper tais estereótipos é a realização de atividades esportivas sem distinção de sexo (CRUZ; PALMEIRA, 2009).

Para os participantes da pesquisa, a educação sexual é importante para promover o respeito à diversidade sexual (n=11); prevenir situações de violência sexual (n=3); promover o autoconhecimento e autocuidado (n=7); além de oportunizar o acesso à educação sexual (n=8), como mostram os trechos de exemplificação disponíveis no Quadro 3.



**Quadro 3:** Justificativas apontadas pelos participantes da pesquisa para esclarecer a importância da educação sexual

EDUCAR PARA...	TRECHOS DE EXEMPLIFICAÇÃO
Promover o respeito à diversidade sexual.	Sim, pois sem conhecimento, sem debate sobre os mais diversos assuntos ninguém aprende nada; até pouco tempo era considerado doença uma pessoa não ser heterossexual, uma pessoa não se identifica com o seu gênero e só é possível mudar esse tipo de pré-conceitos atrás da educação.
	Sim, mesmo hoje em dia muitas pessoas não sabem quase nada sobre identidade de gênero ou orientação sexual e por conta disso, nas escolas pessoas que têm uma orientação sexual "diferente" das outras, sofrem preconceito e isso acaba afetando muito a pessoa, ao ponto de ela entrar em depressão ou até mesmo suicídio.
	Sim. Porque quando se orienta desde a iniciação escolar, evita-se muitas situações de violência, constrangimento, preconceito, e tantas outras...
Prevenir situações de violência sexual.	Sim, pois pode prevenir e/ou denunciar casos de abusos
	Sim, para deixar claro desde pequeno o que uma criança deve ou não deixar que outra pessoa faça com ela e quando se sentir ameaçada se manifestar para algum adulto.
Promover o autoconhecimento e autocuidado.	Sim. Pois há crianças/adolescentes que desde cedo acham que tem algo errado em si por sentir coisas diferentes do "normal" de sua idade, é preciso um diálogo para que saibam que não há nada de errado.
	Sim, conteúdo informativo específico para idade de adolescentes em fases de mudanças hormonais podem evitar gravidezes indesejadas e IST.
	Sim, porque a educação sexual é importante para crianças e adolescentes conhecerem seu próprio corpo, os limites deles diante de outras pessoas e proteção contra doenças e gravidez na adolescência.
	Sim, pois é nela que conhecemos o nosso corpo e o próximo. A escola deve ser um lugar aberto para todos os debates.
Oportunizar o acesso à educação sexual.	Sim, pois são muito importantes para crianças que não têm acesso a informações dentro de casa.
	Sim. É muito importante para a formação dos alunos que muitas das vezes não têm esse assunto abordado em casa.

**Fonte:** Os autores.

Em relação à pergunta "Você acha que assuntos relacionados à sexualidade devem ser abordados nos cursos de licenciatura? Por quê?", 45 responderam sim, sendo 16 do primeiro e 29 do último período. Os motivos podem ser vistos no Quadro 4. Entre aqueles que acreditam que não, oito julgam esses assuntos como algo

muito pessoal (n=3); um deles inclusive alegou que “[...] o professor vai ao trabalho para trabalhar e não se meter na vida sexual dos alunos.” Outros motivos também foram apresentados, tais como a existência de assuntos mais interessantes (n=1).

**Quadro 4: Motivos para abordar os assuntos relacionados à sexualidade nos cursos de licenciatura, segundo os sujeitos da pesquisa**

OS ASSUNTOS RELACIONADOS À SEXUALIDADE DEVEM SER ABORDADOS NOS CURSOS DE LICENCIATURA PORQUE...	TRECHOS DE EXEMPLIFICAÇÃO
Os professores são importantes agentes promotores de educação sexual e precisam se preparar para realizar esse trabalho.	Os cursos de licenciatura formam os novos professores e a melhor forma de um professor poder orientar os alunos é se tiver essa base de conhecimento antes, nada impede que um professor que nunca tenha estudado sobre o assunto pesquise e leve esse assunto até a sua sala de aula, mas para os professores que ainda estão se formando já sair com esse conhecimento de dentro da universidade é muito melhor.  Faz-se necessário, porque o ambiente escolar é considerado um dos principais lugares de construção dos saberes da criança, incluindo de identidade e, conseqüentemente, é um dos primeiros lugares em que a criança se depara com as diferenças, principalmente as de gênero. É muito importante que haja o desenvolvimento de uma consciência crítica e de práticas pautadas pelo respeito à diversidade e aos direitos humanos.
É necessário observar as implicações jurídicas.	Sim para podermos identificar alguma agressão física ou psicológica nos educandos.
A escola deve ser capaz de contribuir para a formação integral do(a) educando(a).	Sim. Porque lidamos com crianças que precisam de informações sobre seu corpo, o limite dele, como o proteger e que existem corpos e pessoas diferentes de cada um, principalmente que as crianças andam falando sobre sexo, diversidade de gênero, orientação sexual e sobre menina usar rosa e menino usar azul. Em casa os pais não conversam sobre determinados assuntos, sobra ao educador tratar destes assuntos e orientar aos alunos que ainda estão em construção de sua identidade.
Os futuros professores precisam se reeducar sexualmente.	Sim, pois faz parte do dia a dia das pessoas. Sim. Muitos professores veem o assunto sexualidade como um tabu [...]. Sim. Porque mesmo com todos os esclarecimentos vistos nos dias de hoje, ainda assim temos adultos preconceituosos que mesmo escolhendo a pedagogia não se mantêm imparciais e respeitosos, infelizmente...

Fonte: Os autores.

Entre os motivos que justificam a abordagem do tema nos cursos de licenciatura, segundo os participantes da pesquisa, está o reconhecimento da atuação dos professores como agentes promotores de educação sexual e da necessidade de preparação para realizar esse trabalho. Os estudantes também reconhecem que há diversas implicações jurídicas no exercício da profissão de educador, como, por exemplo, a obrigatoriedade de denunciar qualquer suspeita ou confirmação de situações de abuso ou maus-tratos contra crianças ou adolescentes, conforme estipulado no artigo 245 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (BRASIL, 1990). Se a denúncia não for realizada, o professor pode ser penalizado com uma multa de três a vinte salários de referência, e se houver reincidência, a multa é dobrada. No entanto, como reconhecer essas situações sem o devido preparo? Os participantes também mencionaram que a escola deve ser capaz de contribuir para a formação integral do(a) educando(a), conforme apontado pela LDB (Lei nº 9.394/1996). Portanto, os cursos de licenciatura precisam contribuir para a construção de um olhar crítico, capaz de problematizar as formas de violência naturalizadas.

De maneira geral, a sexualidade não é abordada de maneira correta e isso reflete na construção de conhecimentos equivocados e na manutenção do tabu (FIGUEIRÓ, 2010). Esse fato é reconhecido pelos participantes da pesquisa. Sendo assim, durante a formação dos futuros docentes é preciso proporcionar momentos de reflexão sobre a educação sexual vivenciada para poderem perceber a necessidade de se reeducarem sexualmente, ressignificando os assuntos relacionados ao tema.

Alguns assuntos relacionados à sexualidade são mais comumente abordados tanto na educação básica quanto na graduação. De acordo com as respostas dos participantes a uma pergunta fechada, os tópicos de maior destaque são: gravidez (EB=40, G=21), reprodução, (EB=47, G=21), infecções sexualmente transmissíveis (IST) (EB=40, G=16), métodos contraceptivos (EB=30, G=16), aborto (EB=25, G=13), sexo ou atividade sexual (EB=23, G=12). É perceptível uma predominância de temas relacionados aos aspectos biológicos da sexualidade. Segundo a UNESCO (2019) educação sexual precisa incluir todos os aspectos da sexualidade, sejam eles físicos, cognitivos, emocionais ou sociais.

Por meio de uma pergunta fechada, os participantes apontaram os aspectos menos abordados em relação à sexualidade: gênero (EB=19, G=19), orientação sexual (EB=4, G=11), diversidade sexual (EB=3, G=11), feminicídio (EB=7, G=5), violência sexual (EB=13, G=9), violência doméstica (EB=7, G=6) e relacionamentos (EB=8,

G=5). Isso parece influenciar na percepção sobre a maneira de lidar com o ensino dos diferentes conteúdos curriculares. Quando questionados sobre “Quais assuntos relacionados à sexualidade você considera mais difícil de abordar?”, os mais citados foram diversidade sexual, que inclui “opção” sexual, orientação sexual, gênero, assexualidade e pronomes (n=28); ato sexual (n=5) e aborto (n=5). Apesar de muitos considerarem a diversidade sexual um tema difícil de ser trabalhado, esse assunto não pode ser negligenciado, pois caso contrário, as instituições de ensino contribuirão para reforçar a cis heretonormatividade. Segundo Louro (2013):

Mesmo que se admita que existem muitas formas de viver os gêneros e a sexualidade, é consenso que a instituição escolar tem obrigação de nortear suas ações por um padrão: haveria apenas um modo adequado, legítimo, normal de masculinidade e de feminilidade e uma única forma sadia e normal de sexualidade, a heterossexualidade; afastar-se desse padrão significa buscar o desvio, sair do centro, tornar-se excêntrico (LOURO, 2013, p. 45-46).

Os participantes ressaltaram que não apenas os conteúdos são difíceis, mas também a forma de abordá-los, seja pela complexidade dos assuntos ou pelo possível tabu e preconceito por parte dos responsáveis legais. Destacaram também a importância de um ensino dialógico. Isso evidencia o reconhecimento da necessidade de oportunizar o acesso a atividades que favoreçam a construção de conhecimentos pedagógicos do conteúdo durante os cursos de graduação.

Como forma de agradecimento aos participantes, oferecemos a eles e aos demais acadêmicos interessados o I Workshop de Educação Sexual do Centro Universitário Celso Lisboa, em parceria com o Espaço Ciência Viva e com a Liga de Educação Sexual da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (LESex), com duração de oito horas. No entanto, apenas estudantes dos cursos da área da saúde participaram. Durante as discussões, eles mencionaram que não receberam a formação adequada sobre sexualidade e educação sexual e agradeceram pela oportunidade de participar do evento. Vale ressaltar que profissionais da saúde também atuam como educadores sexuais em sua prática profissional, seja nas unidades de saúde ou na escola, por meio do Programa Saúde na Escola.

### 3.2 PROJETO DE FORMAÇÃO DE EXTENSIONISTAS

Ao todo, 18 estudantes responderam ao formulário de inscrição para participar do projeto de extensão, sendo dois do gênero masculino-cis e 16 do feminino-cis dos cursos de Biomedicina (n=5), Enfermagem (n=10), Pedagogia (n=2) e Biologia (n=1). No entanto, apenas sete pessoas se mantiveram no projeto. Um dos principais motivos para a desistência foi a falta de tempo para realizar as atividades propostas.

Para avaliar o desenvolvimento dos extensionistas, analisamos seus diários de bordo, suas respostas no *Google Classroom* e a sua participação nas atividades presenciais. A seguir apresentaremos os seus perfis – utilizando nomes fictícios – e um breve resumo sobre as suas trajetórias

**Maria:** Mulher cis, heterossexual, de 40 anos, casada e sem filhos. É cabeleireira, graduanda em enfermagem e serviço social, além de ser voluntária em uma escola municipal. É enérgica e possui uma vivacidade cativante. Participou de diversos encontros presenciais, porém não realizou nenhuma das atividades disponíveis no *Google Classroom* devido à sua dificuldade em utilizar as plataformas digitais.

Inicialmente, Maria apresentou estranhamento para dificuldades de assimilar conceitos relacionados a gênero e orientação sexual, assuntos que considerava desafiadores. No entanto, sempre esteve aberta ao diálogo, disposta a aprender novos conceitos. Por outro lado, considerava fácil desenvolver atividades sobre infecções sexualmente transmissíveis, inclusive realizou uma atividade idealizada por ela, com a sua equipe, em uma escola pública para ensinar os adolescentes aspectos relevantes sobre o vírus HPV como um dos trabalhos de uma disciplina. Vale ressaltar que a sua equipe poderia ter escolhido qualquer outra infecção, mas ela dizia que se sentia “muito bem” ao abordar o tema.

Maria participou de quase todas as atividades presenciais. Após a realização da oficina Barriga da Empatia ela disse:

[...] tive uma experiência maravilhosa. Encontrei uma nova maneira de abordar temas como gravidez e sexualidade. Tive uma experiência sensorial espetacular e pude sentir as dificuldades de uma mulher prestes a dar à luz. Sentir as dificuldades na realização de tarefas simples do seu dia a dia, por isso, creio poder contribuir o máximo possível para a ampliação e divulgação desse conhecimento, nas escolas, entre os jovens e adolescentes. Tenho certeza que essas ajudariam grandemente

a preparação destes para a vida adulta. Minha admiração por essa nova experiência me fez desejar trazer outros para conhecer esse museu.

Após passar por diversos treinamentos presenciais, atuou como mediadora, de maneira supervisionada, em um evento realizado no museu e disse:

Uma experiência inovadora e gratificante para mim. Ver pessoas recordando a gravidez com alguns movimentos sensoriais, o peso da barriga simulando 13 quilos. Até homens passaram por essa experiência sensorial, percebi que ficaram bem surpresos e impressionados, chegando a ponto de reconhecerem o quanto as mulheres são fortes e com isso se atentaram a ter mais empatia.

Segundo a participante, a abordagem clara e sem tabus adotada pela equipe de pesquisadores oportunizou: 1) a aprendizagem dos conceitos relacionados à sexualidade, dando-lhe segurança ao abordá-los; 2) o conhecimento sobre como abordar temas polêmicos “com respeito e mais sutileza”, visto que “as diferenças sempre estarão presentes em meio a sociedade, e que devemos aprender a respeitar cada um com suas diferenças e comportamentos”.

**Madalena:** Mulher cis, heterossexual, de 52 anos, mãe de dois filhos. É dentista há 32 anos e atualmente está cursando pedagogia, por isso, possui pouca disponibilidade para participar das atividades presenciais, apesar do seu grande interesse. No ambiente familiar não teve uma educação sexual satisfatória e disse:

Muito pouco ainda se fala abertamente e de maneira correta, com informações precisas, sobre Educação Sexual! Ainda é um tabu! Na minha casa era assim e hoje sinto a falta da informação correta para dialogar com meus filhos! Não se fala em educação sexual na faculdade! Estou aqui para aprender e auxiliar no que for necessário! Tema muito importante para todas as idades!

Nunca havia participado de nenhuma atividade relacionada à educação sexual durante a sua graduação e talvez por isso, ao ser questionada sobre como se sentia ao se imaginar preparando uma atividade educativa sobre algum assunto relacionado à sexualidade, respondeu: “Ainda muito inexperiente, preciso saber mais sobre o tema e as melhores formas de abordar o assunto.”

Madalena teve um longo percurso formativo, realizando diversas atividades online – inclusive o curso recomendado – e presenciais, tanto no *campus* do centro universitário quanto no museu. Foi uma das pessoas que mais atuou como

mediadora no museu, inclusive posteriormente o elegeu como espaço formativo para realização de um dos seus estágios obrigatórios.

Ao fim da jornada, Madalena se mostrou contente e realizada. Disse que se sentiu acolhida e que esse aspecto foi fundamental na assimilação dos conteúdos. Salientou que na sua prática profissional enquanto educadora os conteúdos tratados durante a formação serão cruciais e se sente motivada a buscar mais sobre o tema e continuar a se aperfeiçoar. Em seu último diário de bordo disse:

O Projeto de Extensão em Educação Sexual está sendo de extrema importância para minha formação acadêmica, pois contribui para aquisição de saberes dentro do universo tão diverso da educação sexual.

[...] estagiária hoje em Espaços não formais, tendo contato com pessoas de diversas idades e principalmente com as crianças. Elas merecem saber e conhecer seu próprio corpo sem tabus, e a abordagem lúdica do tema é fascinante. Assim como a grande importância da Educação Sexual para os universitários, onde também temos carência dessa informação. Todo esse meio é uma grande novidade para mim e me trouxe grandes aprendizados pessoais, eu mesmo venho de uma geração de muitos tabus quando o assunto é sexo. Conhecer para reconhecer, conhecer para não discriminar e principalmente conhecer para melhor se conhecer. Melhorou a conversa sobre o tema com meus filhos, aprendi sobre identidade de gênero, sexo, orientação sexual.

**Pedro:** Homem cis, homossexual, com 21 anos de idade, sem filhos. Cursa enfermagem e seu interesse ao participar do projeto se deve à oportunidade de atuar na área de educação em saúde, já que reconhece que atuará como educador em sua prática profissional. Iniciou o processo se sentindo inseguro e com medo, porém animado e consciente da importância da educação sexual integral. Apesar de sempre ter se interessado por homens, tentou “se convencer do contrário” porque assim lhe foi ensinado. A sua vivência possivelmente influenciará em sua prática profissional, visto que disse que se imaginava:

[...] abordando o assunto primeiro de maneira mais descontraída e inclusiva, mas também falando com calma a respeito não apenas do corpo masculino e feminino, e sim de orientação sexual e identidade de gênero, uma vez que foi algo que nunca me foi dito de maneira aberta e nem como se fosse algo “certo” quando eu era mais novo.

Participou de atividades online, como o curso recomendado, sobre o qual destacou: “Todas as aplicações que os professores dão a respeito de orientação sexual e identidade de gênero são extremamente precisas e, sobretudo, humanas, fazendo com que se tornassem meus temas favoritos entre os módulos.” Também participou de treinamentos presenciais e pôde atuar como mediador em um evento realizado no museu e disse que a “sensação de passar informações é muito gratificante”, a experiência trouxe a sensação de que o “seu trabalho valeu a pena”, pois “ajuda a tornar a sociedade cada vez mais consciente” e “então você sente que tá contribuindo com toda a população, mesmo que de uma forma pequena”. E por fim disse: “Certamente o projeto me ajudou muito a falar de maneira mais segura e confiante a respeito de todas as vertentes da educação sexual, além de poder transmitir esse conhecimento de forma clara e objetiva. Afirmo que é algo necessário a TODAS as pessoas.”

**João:** Homem cis, heterossexual, com 21 anos de idade, sem filhos. É uma pessoa reservada, observadora. Participou de diversas atividades online, inclusive o curso proposto e após realizá-lo disse:

Todos os assuntos abordados em relação ao meio em que vivemos foi importante para a compreensão do quanto as pessoas são reprimidas pelo ambiente e pela sociedade em mostrar quem realmente são e viver da maneira que bem entenderem, geralmente percebemos uma certa repulsa em falar sobre esses assuntos e é justamente contra isso que devemos trabalhar, para que a comunicação seja clara, objetiva e didática. A conversa e o respeito são fundamentais para que possamos conviver em harmonia com o próximo e espalhar conhecimento, evitar confusões e perguntas como “quem sou eu?” é um grande desafio e devemos sempre informar e ajudar a realizar ações que melhorem cada uma dessas pessoas. Os padrões estabelecidos na maioria dos países ainda é um grande desafio a superar, a sexualidade de fato é um assunto complexo, não envolve apenas uma linha, mas sim várias camadas com inúmeros campos de muitas informações importantes de convivência com o próximo e identidade pessoal.

Os materiais disponibilizados online motivaram importantes reflexões a respeito da função do museu, do teatro científico e sobre como os papéis de gênero relacionados à vivência da masculinidade afeta a saúde das pessoas:

O papel do museu é justamente mostrar a nossa história em relação a determinados conteúdos, enfatizando os erros para que não sejam



cometidos novamente pela nossa civilização. Assuntos que antes eram tratados com preconceito e repulsa, hoje são vistos com um maior interesse por conta do conhecimento gerado pelos museus e outros meios de comunicação, por exemplo, estereótipos e ideias estabelecidas são repensados com o avanço social e da ciência [...]

[...] A maneira teatral de como deve ser conduzido, é em levar o conhecimento da forma mais descontraída para o público com esforço e dedicação em gerar uma análise mais profunda evitando o desconforto e julgamento, a música, os efeitos sonoros e a construção dos diálogos os deixarão imersos com o que está sendo apresentado, permitindo um total foco no que estão aprendendo. O fato do cotidiano ser levado em conta durante a encenação acaba aproximando o público de uma maneira geral, a proximidade dos participantes com os personagens desencadeia uma certa empatia com o próximo, permitindo-os analisar o fato e tirarem suas próprias conclusões diante do que está sendo apresentado. [...] A educação envolvendo a sexualidade abrange muito a questão da empatia, ou seja, fazer com que o público sinta na pele o que o personagem sente, geraria uma série de questionamentos sobre o assunto e por consequência o aprendizado sobre uma convivência saudável.

[...] A limitação do indivíduo impede o crescimento como ser humano, caso esteja uma constante máscara na pessoa que é reprimida, a empatia, tristeza e aptidões para funções consideradas "femininas" formam uma camada espessa de raiva, confusão e impulsividade. A função de um profissional é estabelecer pontes para as pessoas que sofreram algum tipo de repressão possam encontrar seu caminho e entender quem são através de perguntas e diálogo [...].

João participou de diversas atividades presenciais e atuou como mediador em dois eventos realizados pelo museu, inclusive em um deles utilizou um recurso produzido por ele para ensinar sobre vírus que provocam infecções sexualmente transmissíveis. Para ele a participação no projeto:

Foi uma experiência interessante do ponto de vista de desenvolvimento próprio, aprendi a lidar com muitas questões que antes eram muito complicadas, uma delas seria a interação com o público. Realmente foi gratificante ter a oportunidade de realizar tal atividade. Aprendi a lidar melhor com as pessoas em minha volta, consegui aprender sobre as diferenças presentes e me envolver com assuntos que antes eu nem imaginava lidar.

**Sara** Mulher cis, heterossexual, com 19 anos, é estudante de Biomedicina e deseja atuar na área de reprodução humana. Além disso, realiza trabalhos comunitários e

acredita que ao entregar um alimento para um necessitado pode haver a oportunidade de dialogar; portanto, é importante estar preparada para esclarecer possíveis dúvidas sobre o tema. Por isso se interessou em participar do projeto. No início ressaltou que apesar de já ter tido aulas sobre aspectos biológicos da sexualidade, como os órgãos dos sistemas reprodutores e as doenças que afetam esses sistemas, sentia falta do ensino relacionado aos outros aspectos.

Ao iniciar o projeto, quando questionada sobre como se sentia ao se imaginar preparando uma atividade educativa sobre algum assunto referente à sexualidade, ela respondeu que “o sentimento será de ‘gratidão’ por estar passando conhecimento, ouvindo histórias e tornando a vida sexual de cada indivíduo segura e consciente.”

Sara participou de diversas atividades presenciais e atuou como mediadora em uma delas. No entanto, não entregou nenhum diário de bordo.

**Julia:** Mulher cis, de 20 anos de idade, se considera heterossexual, apesar de já ter sentido atração por mulheres. Ao iniciar o projeto, disse que se sentia com receio e desconforto ao se imaginar realizando alguma atividade de educação sexual e atribuiu isso ao fato do tema ser considerado um tabu no Brasil, limitando a abordagem das questões relacionadas à sexualidade a certos ambientes. Inclusive destacou a importância da educação sexual realizada no contexto escolar: “Havia uma professora que até hoje considero como tia, ela me explicou coisas que meus pais não fizeram. E isso me ajudou porque mesmo na minha adolescência não sabia de muitas coisas.” Considera como um dos acontecimentos mais significativos da sua educação sexual uma conversa com sua professora que lhe permitiu identificar uma situação “de quase abuso” vivenciada por ela.

Participou de atividades presenciais e online – incluindo o curso recomendado. É notável a sua profunda reflexão sobre as atividades propostas. Após visitar as exposições virtuais, ela respondeu da seguinte forma as perguntas norteadoras “Como os museus podem contribuir para combater os estigmas sociais?” e “Como o teatro científico pode ser utilizado para promover a educação sexual?”:

Os museus têm a capacidade única de influenciar a maneira como a sociedade percebe, compreende e interage com questões estigmatizadas. Ao fornecer informações precisas, promover a empatia e destacar as vozes daqueles que enfrentam estigmas, os museus desempenham um papel importante na construção de uma sociedade mais igualitária e consciente.

O teatro é uma ferramenta poderosa para promover a educação sexual de maneira eficaz e envolvente. Por meio da dramatização e da representação de situações da vida real, o teatro pode abordar questões de sexualidade de maneira direta e informativa. Permitindo a representação de situações cotidianas relacionadas à sexualidade, como relacionamentos, consentimento, contracepção e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis. Isso ajuda o público a entender melhor como aplicar conhecimentos em suas próprias vidas.

Atuou como mediadora em duas atividades realizadas no museu e ficou encantada com a interação com o público e disse: "Gostei muito de participar e gostaria de participar mais e mais desses eventos, pois a sensação é muito boa [...]". Em seu último diário de bordo, a extensionista disse:

Participar do projeto de extensão enriqueceu minha formação acadêmica, me proporcionando uma compreensão muito mais ampla das questões relacionadas a esse tema. Isso influenciou positivamente minha atuação profissional, permitindo abordar também de uma forma mais informada, além de contribuir para o meu crescimento pessoal, promovendo uma mentalidade mais inclusiva e respeitosa.

**Judite:** Mulher cis, heterossexual, com 29 anos de idade, cursa Biomedicina. Chegou ao projeto um pouco depois do seu início, mas achava que se tratava de algo relacionado aos aspectos biológicos da sexualidade, como as infecções sexualmente transmissíveis, considerados por ela como "mais científicos". Apesar disso, sempre demonstrou interesse nas atividades presenciais das quais participou. Ela acredita que "aprender é sempre muito importante" e queria melhorar o seu currículo. Ao se imaginar preparando uma atividade educativa sobre algum assunto relacionado à sexualidade no início do projeto, ela respondeu: "Não sou muito boa para passar para outras pessoas, mas posso tentar."

Está feliz, pois se sentiu muito bem recebida, julga o projeto como acolhedor e acredita que o centro universitário deveria ofertar outras atividades como essa. No entanto, a sexualidade ainda é um tabu para ela e falar sobre o tema é extremamente difícil. Além disso, sentia dificuldades em compreender certos conceitos e de "abrir a sua cabeça", atribuindo isso à sua criação. Logo, julgava que seria difícil partilhar seus conhecimentos. Tudo isso lhe causou profundo desconforto, levando a sua desistência no final do projeto.

## **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

---

O ensino dos conteúdos relacionados à sexualidade tem sido negligenciado nos cursos de licenciatura e da área da saúde. Ademais, quando abordados, frequentemente limitam-se às questões associadas aos aspectos biológicos. Como consequência, os graduandos desconhecem os conceitos basilares da sexualidade e sentem-se inseguros para ensiná-los. Portanto, a educação sexual precisa ser incluída de maneira mais assertiva nos currículos dos futuros educadores sexuais, já que muitos não tiveram a oportunidade de vivenciá-la de maneira satisfatória no contexto familiar e/ou escolar.

Além do ensino do conteúdo, os cursos de graduação precisam oportunizar o desenvolvimento do conhecimento pedagógico do para que os futuros profissionais de saúde e educação possam ser capazes de ensinar sobre conhecimentos básicos relacionados aos diferentes aspectos da sexualidade. Para isso, é possível inseri-los em projetos de extensão universitária. Nesse contexto, o oferecimento de atividades online assíncronas e presenciais mostrou-se eficaz, pois minimiza o problema da indisponibilidade de tempo e a dificuldade de encontrar um horário comum para reunir todos os extensionistas, sem abrir mão da riqueza da

troca de ideias que ocorrem nos encontros presenciais e do fortalecimento das relações pessoais entre os participantes, o que contribui para o engajamento no projeto.

A construção dos diários de bordo individuais proporcionou momentos de reflexões significativas sobre as atividades realizadas pelos sujeitos da pesquisa. A possibilidade de atuar na mediação de uma atividade direcionada ao público no museu, trouxe a sensação de satisfação pessoal, pois os extensionistas perceberam que apesar da complexidade do tema, preparando-se de maneira adequada, é possível atuar como educador sexual, e isso os motivou a aprender ainda mais. Alguns, inclusive, desejam seguir colaborando, de maneira voluntária, com as atividades oferecidas pelo museu. Acreditamos que a obrigatoriedade da extensão universitária pode constituir um importante avanço na sistematização da formação dos futuros educadores sexuais.

## 5. AGRADECIMENTOS

---

Agradecemos ao Programa de Iniciação Científica do Centro Universitário Celso Lisboa, pelo financiamento. À Bruna Ferreira Messina, por atuar como pesquisadora no início do projeto. À Diana da Silva Thomaz de Oliveira, colaboradora do Espaço Ciência Viva, por contribuir com a formação dos extensionistas e com o desenvolvimento desta pesquisa. Ao Espaço Ciência Viva, pela parceria, sem a qual a realização deste projeto não seria possível. À Beatriz dos Santos Melo, da Liga de Educação Sexual da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (LESex) por participar como palestrante do *workshop* oferecido aos participantes da pesquisa.

## 6. REFERÊNCIAS

---

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BATISTA, T. O Diário de Bordo: uma forma de refletir sobre a prática pedagógica. **Revista Insignare Scientia - RIS**, v. 2, n. 3, p. 287-293, 21 nov. 2019.

BRASIL. [Constituição (1988)] **Constituição da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF: STF. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm). Acesso em: 4 set. 2023.

BRASIL. Lei nº 8069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 16 jul. 1990.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1997b.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Curriculares Nacionais (1ª a 4ª série)**. Brasília, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Básica. Parâmetros Curriculares Nacionais (5ª a 8ª série) Brasília, 1997.

BRASIL. Ministério da Saúde. Sífilis: História, Ciência e Arte. Disponível em: <http://exposifilis.aids.gov.br>. Acesso em: 20 nov. 2023.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CES nº 7, de 18 de dezembro de 2018. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação - PNE 2014-2024 e dá outras providências. Brasília: **Diário Oficial da União**, 18 de dezembro de 2018. Disponível em: [https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE\\_RES\\_CNECESN72018.pdf](https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_RES_CNECESN72018.pdf). Acesso em: 4 out. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Caderno do gestor do PSE**. Brasília: Ministério da Saúde, 2022.

CIÊNCIA SUJA. Aids: epidemia do preconceito. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/5LF80dEnsID6BIESavQD3B?si=knYSJB3hS9e1Sr9120Jm aA&authuser=0&nd=1&dlsi=a03c2db34c874e8e>. Acesso em: 04 set. 2023.

CONNELL, R.; PEARSE, R. **Gênero: uma perspectiva global**. São Paulo: Versos, 2015.

CRUZ, M. M. S.; PALMEIRA, F. C. C. Construção de identidade de gênero na Educação Física Escolar. **Motriz. Revista de Educação Física Unesp**, v. 15, n. 1, 2009.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Formação de educadores sexuais**: adiar não é mais possível. Londrina: Eduel, 2006.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação sexual**: retomando uma proposta, um desafio. 3 ed. Londrina: Eduel, 2010.

FIGUEIRÓ, M. N. D.; OLIVEIRA, K. H.; NAKAYA, K. M. Reeducação Sexual: percurso indispensável na formação do/a educador/a **Revista Linhas**, v. 11, n. 1, p. 85-111, 2010.

FOLINO, C. H.; ALMEIDA, C. Teatro e Saúde: peça itinerante engaja jovens na prevenção da Aids. **Dossiê Ciência e Arte**, v. 1, n. 1, 2022.

FUNDAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO. **Projetos Comunidade Presente e Prevenção Também se Ensina**: sugestões de atividades preventivas para HTPC e sala de aula. São Paulo: FDE, Diretoria de Projetos Especiais, 2009.

FUNDAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO. **Projetos Comunidade Presente e Prevenção Também se Ensina**: sugestões de atividades preventivas para HTPC e sala de aula. São Paulo: FDE, Diretoria de Projetos Especiais, 2012.

JESUS, J. G. **Orientações sobre a população transgênero**: conceitos e termos. Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião. v. 2. Brasília: Autor, 2012.

LOURO, G. L. FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (org.). **Corpo, Gênero e Sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 9 ed. Petrópolis: Vozes. 2013.

MUSEU DA DIVERSIDADE SEXUAL. **Memórias de uma epidemia**. Parte 1: imagens da Aids e mídia. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/story/ewXxow-QrdkQVlw>. Acesso em: 10 out. 2023.

MUSEU DA DIVERSIDADE SEXUAL. **Memórias de uma epidemia**. Parte 2: coletivos em solidariedade. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/story/cgVRsX-SQRK3CCQ>. Acesso em: 10 out. 2023.

OLIVEIRA, D. S. T; OLIVEIRA, S. Percepções dos Professores e Futuros Professores Acerca do Ensino de Infecções Sexualmente Transmissíveis no Contexto Escolar. **In: VII ENECiências**. Rio de Janeiro, 28–30 jun. 2022.

OLIVEIRA, S.; OLIVEIRA, D. S. T; ROSA, M. M. CAMANHO, S. S. **Roteiro de mediação**: barriga da empatia. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/737458/2/Roteiro%20de%20media%c3%a7%c3%a3o%20-%20Barriga%20da%20Empatia.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2023.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). **Orientações técnicas internacionais de educação em sexualidade: uma abordagem baseada em evidências.** 2019. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000369308>. Acesso em 29 set. 2020.

PAPO DE HOMEM. **O silêncio dos homens.** Youtube, 29 de ago. de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NRom49UVXCE>. Acesso em: 04 set. 2023.

PROEX - Pró-Reitoria de Extensão Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina. **Política Nacional de Extensão Universitária.** Florianópolis: Editora da UFSC, 2016. Disponível em: <https://proex.ufsc.br/files/2016/04/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-e-book.pdf>. Acesso em: 11 set. de 2023.

REVISTA BIO ICB. **Peça Sangue Ruim.** Youtube, 14 de jun. de 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WnE6MnBgdbS>. Acesso em: 12 set. 2023.

SHULMAN, L. S. **Knowledge and Teaching Foundations of the New Reform.** Harvard Educational Review, v. 57, n. 1, p. 1-23, 1987.

UNIVERSIDAD DE LOS ANDES. **Sexualidad...mucho más que sexo.** Disponível em: <https://www.coursera.org/learn/sexualidad?authuser=0>. Acesso em: 20 nov. 2023.

VI. Documentário **The Mask You Live In.** Youtube, 20 de out. de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=d2B0ikOh7l4>. Acesso em: 04 set. 2023.